

A INTERPRETAÇÃO PARA LIBRAS EM CONTEXTO EDUCACIONAL: REFLEXÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NA PÓS-GRADUAÇÃO

THE INTERPRETATION FOR LIBRAS IN EDUCATIONAL CONTEXT: REFLECTION FROM EXPERIENCE IN POSTGRADUATE STUDIES



Carla Regina Sparano TESSERⁱ
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Este artigo tem por objetivo observar e discutir a interpretação para Libras- Língua Brasileira de Sinais em contexto educacional tendo como foco compreender as estratégias linguístico-discursivas que o intérprete educacional (IE) do ensino superior utiliza em sala de aula para mediar a aprendizagem do aluno surdo. Pauta-se na teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky ([1934] 2008, 2007), mais especificamente nos conceitos de mediação e zona de desenvolvimento proximal. Na compreensão dialógica da linguagem, nos apoiamos em Bakhtin ([1929] 2009). No que se refere aos termos metodológicos, optou-se pela pesquisa qualitativa. O artigo apresenta uma introdução, em que se justifica a importância do intérprete de Libras; na sequência está organizado em três partes: fundamentação teórica, que versa sobre o processo de construção de sentidos; metodologia, que trata da questão da construção de um conjunto de práticas utilizadas durante a pesquisa; e principais resultados das análises dos dados, à luz dos procedimentos de tradução de Santiago (2012). Os resultados desta pesquisa apontam que o intérprete de Libras, no contexto educacional, serve-se da Língua de Sinais a fim de alcançar estratégias linguístico-discursivas para a construção de sentidos durante o ato interpretativo em sala de aula, o que favorece a aprendizagem do aluno surdo.

Palavras-chave: Intérprete de libras. Contexto educacional. Libras. Construção de Sentido

Abstract: This article aims to observe and discuss the importance of the interpreter of Libras – Brazilian Sign Language –, with the goal of understanding the linguistic-discursive strategies that the educational interpreter (IE) of higher education uses in classrooms to mediate learning for deaf students. It is based on the socio-historical-cultural theory of Vygotsky ([1934] 2008, 2007), more specifically on the concepts of mediation and zone of proximal development. In perspective and the dialogic understanding of language, we rely on de Bakhtin ([1929] 2009). Concerning to methodological terms, we made our choice for a qualitative research. The article presents an introduction, in which the importance of the interpreter of Libras is justified; next it is organized in three parts: theoretical basis, which deals with the process of sense construction; methodology, which deals with the question of the construction of a set of practices which were used during the research; and main results of the data analysis, according to Santiago's (2012) translation procedures. The results of this research point out that the interpreter of Libras, in the educational context, uses the Brazilian Sign Language in order to achieve linguistic-discursive strategies for the construction of meanings during the interpretive act in the classroom, which favors learning for deaf students.

Keywords: Brazilian Sign Language Interpreter. Educational Context. Libras. Construction of Direction

RECEBIDO EM: 20 de março de 2018

ACEITO EM: 30 de novembro de 2018

PUBLICADO EM: janeiro 2019

Introdução

Esta investigação compreende observar e discutir a interpretação para Libras – Língua Brasileira de Sinais em contexto educacional e objetiva observar e discutir as estratégias linguístico-discursivas que o intérprete educacional (IE) do ensino superior utiliza em sala de aula para mediar a aprendizagem do aluno surdo.

Desde a promulgação da Lei 10.436/2002, que trata da Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão com sistema linguístico de natureza visual-motora, do Decreto 5.626/05, que dispõe sobre a Língua de Sinais, e da Lei 10.098/00, que aborda a questão da acessibilidade para pessoas com deficiência em espaços públicos e privados, existem normas e critérios estabelecidos para a promoção da acessibilidade. Por conta dessas políticas inclusivas, aumentou a demanda por profissionais intérpretes de Libras em sala de aula, bem como o ingresso de surdos em faculdades e demais contextos acadêmicos.

A relevância do assunto está também relacionada ao contexto de atuação desse profissional, principalmente em espaços educacionais, dado que seu trabalho em sala de aula é transitar de uma língua para outra – Libras para o português e vice-versa.

Para Lacerda (2009), o intérprete educacional precisa refletir durante todo o processo de interpretação em sala de aula, pois a tradução de uma língua visual para oral-auditiva implica escolhas e estratégias linguísticas.

Tesser (2015) também chama a atenção para o conjunto de ações que esse profissional desenvolve durante o processo de sua interpretação. Desse modo, compreendemos que a interpretação é um processo ativo e as estratégias envolvem, entre outras questões, o imediatismo e a tomada de decisão rápida pelo intérprete.

Há pouco menos de dez anos, encontrar profissionais para atuar em contextos educacionais era bastante difícil. Tesser (2015) explica que as práticas dos intérpretes ocorriam, via de regra, de maneira intuitiva, ou seja, suas ações em espaços comunitários, religiosos e até mesmo em sala de aula eram baseadas em suas experiências anteriores – atuantes na “zona de conforto”. Atualmente, esse cenário tem mudado cada vez mais com as articulações políticas inclusivas mencionadas acima, levando os intérpretes a buscarem espaços de formação e qualificação profissional.

Além disso, muitas pesquisas têm sido realizadas e têm se filiado ao campo dos Estudos da Tradução e Interpretação (cf. SANTOS, 2013, RODRIGUES & BEER, 2015), o que tem contribuído para se pensar ainda mais nas questões inerentes à prática desses profissionais.

Outrossim, para que o aluno surdo se desenvolva em sala de aula, o intérprete educacional não pode depender apenas da quantidade excessiva de sinais, mas deve considerar o contexto no qual que está inserido. É preciso buscar formação que contemple, entre outras questões, estratégias de interpretação. De acordo com Santos (2013), estratégias de interpretação são tomadas de decisões de que os intérpretes lançam mão frente à demanda de termos dos quais não há equivalentes em Libras. Nessa perspectiva e considerando-se a seriedade do trabalho do intérprete de Libras, é fundamental pontuar que o aluno surdo é aluno do professor regente da disciplina, e não do intérprete de Libras. Com efeito, é oportuno contemplar a importância de se estabelecer confiança mútua entre o professor regente da sala e o intérprete, para que haja um bom trabalho. Kotaki e Lacerda (2013) afirmam que a negociação de papéis e discussões entre esses profissionais permite refletir sobre as práticas no sentido de torná-las, para ambos, mais claras.

Isso posto, o papel do intérprete educacional é mediar a aprendizagem do aluno surdo. Certamente, o contexto acadêmico, devido aos termos específicos utilizados e à complexidade dos assuntos, vai exigir do aluno surdo muito mais noções lógicas e cognitivas. Essa exigência explica-se, muitas vezes, pelo fato de que o aluno surdo não conhece conceitos ligados às teorias, ou palavras utilizadas em determinado contexto acadêmico, desconhece o novo cenário no qual elas são usadas, cujos sentidos ele ainda não construiu. Ademais, dada a complexidade do processo de transição de significado das palavras da língua oral para Libras (TESSER, 2015), as estratégias utilizadas pelo intérprete em sala de aula constituem possível solução para integrar o discurso realizado pelo professor, em língua oral, à construção do sentido em Libras.

Assim, verifica-se que a prática de atuação do intérprete em sala de aula encontra-se constantemente numa zona de conflitos e transformações, pois envolve transformação de sentidos das línguas – português e Libras. Ou seja, o intérprete de Libras em sala de aula age na fronteira entre os sentidos de duas línguas – a língua portuguesa e a Libras, e sua função fundamenta-se em construir colaborativamente os sentidos dessas línguas, sendo essas construções um processo em constante movimento.

1. Fundamentação teórica

Adota-se neste trabalho uma perspectiva sócio-histórico-cultural de Vygotsky ([1934] 2008, 2007), mais especificamente os conceitos de mediação e zona de desenvolvimento proximal. Para discutir aspectos relacionados à prática de atuação de intérpretes de Libras-Português, nos apoiamos em Bakhtin ([1929] 2009), por sua compreensão dialógica da linguagem.

Para iniciarmos esta sessão, abordamos os estudos de Vygotsky (2007), que nos permitem direcionar o olhar para os processos de mudanças e as transformações complexas que constituem o desenvolvimento humano. Vygotsky (2007) explica que o processo de desenvolvimento do indivíduo e suas atividades adquirem significado próprio num sistema de comportamento social. Para o autor,

O desenvolvimento não se tratava de uma mera acumulação lenta de mudanças unitárias, mas sim, [...] “um complexo processo dialético”, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformações qualitativas de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos. (VYGOSTKY, 2007, p. 150).

108

Nessa perspectiva, o trabalho do intérprete de Libras em sala de aula é centrada na interação com o outro, pois é por meio das relações mediadas que se constroem caminhos que permitem acessar a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) dos indivíduos.

A ZDP refere-se ao conceito abordado dentro da teoria vygostkyana como a ideia da existência de uma área potencial de desenvolvimento cognitivo, sendo definida como a distância entre a zona de desenvolvimento real do sujeito, determinado pela sua capacidade de resolver problemas individualmente, e a zona de desenvolvimento potencial, que é determinada pela resolução de problemas com pares mais experientes.

Para aprofundar nesta reflexão, tecemos um raciocínio: pode-se criar uma ZDP nos espaços de interação entre o aprendiz e o par mais experiente. Em outras palavras, explorar o papel das experiências sociais e culturais, por meio das interações, nos permite ver a relação entre o indivíduo e a sociedade como um processo dialético. Portanto, consideramos tanto as experiências do aluno surdo como a do intérprete de Libras em sala de aula, pois ambos solucionam problemas e dificuldades das discussões e atividades em sala de aula, com a ajuda do professor.

Se, por um lado, o professor auxilia o aluno surdo num determinado momento, com as atividades e trabalhos propostos, por outro lado, na direção de favorecer a aprendizagem do aluno surdo, o intérprete educacional necessita do auxílio do professor para explicar o conceito do tema ou assunto novo apresentado à turma. Por esse motivo, refletimos que, devido ao fato de a Libras ser uma língua de modalidade gestual e o discurso acadêmico ser realizado em língua de modalidade oral auditiva pelo professor regente em sala de aula, os sentidos são construídos quase que simultaneamente em Língua de Sinais pelo intérprete educacional.

Para Lacerda (2009), o discurso é construído visualmente pelo intérprete educacional, mediante conhecimento de polissemia da língua, da diversidade de sentidos e possibilidades de temáticas e aspectos culturais que perpassam cada uma das línguas. Faz-se relevante definir, tal como dito na introdução deste artigo, que as informações extralinguísticas estão ligadas às tomadas de decisões realizadas durante a interpretação.

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, a língua é a materialização da linguagem humana verbalizada. Para Bakhtin ([1929] 2009, p. 190) a língua é como “um organismo vivo, funcionando em si e para si”. Dito isso, podemos entender que o locutor se serve da língua para suas necessidades enunciativas concretas, inserindo-se num determinado contexto em situações concretas. A construção da língua está orientada no sentido da enunciação – da fala – e o que realmente importa para o locutor é aquilo que permite à forma linguística figurar num dado contexto.

Podemos afirmar que o sentido da fala é determinado pelo contexto, dado que, diante de tantas situações e possíveis significações – fazendo uma relação com o intérprete de Libras –, o que é importante para esse profissional é o sentido construído durante o ato interpretativo num dado contexto, e não a dependência do uso de sinal/palavra para interpretar as aulas. Como consequência, a fala, o sentido e o contexto, contribuem para que se entenda o papel fundamental da linguagem, pois é por meio dela que podemos estabelecer relações, bem como internalizar conceitos.

Sobre a internalização de conceitos, Vygotsky (2008) diz que a transição da fala interior para a exterior não consiste na simples tradução de uma linguagem para outra, pois esses movimentos não podem ser obtidos pela mera vocalização da fala silenciosa. Esse movimento de aprendizagem, referente ao aluno surdo, torna relevante nosso aprofundamento na temática apresentada até aqui, uma vez que o intérprete ouvinte bilíngue, proficiente em português e

Libras, permeia um ambiente entre duas culturas – surda e ouvinte –; logo, realizará sua atividade durante as aulas interpretando conceitos e discussões de uma língua oral para a visual.

Para tanto, importa entendermos o que Sobral (2008, p. 132) salienta: “o intérprete tem de ser um profissional capaz de entender quando deve dizer o que, a quem e de que maneira, a depender de onde ele esteja e quem esteja envolvido”. Concordamos, portanto, com Sobral (2008), quando defende que a interpretação de uma língua para outra consiste em dizer uma coisa de acordo com a situação na qual se diz, com a intenção de quem diz e com as características daquele a quem se diz. A interpretação passa por um processo complexo e dinâmico do português para a Língua de Sinais e traz a questão do processo de transição, no que se refere à construção de sentidos.

Para Santiago (2012), os elementos puramente linguísticos da Libras (como, por exemplo, a soletração), não representam o todo da materialidade linguística de sentido, isto é, considerar o contexto da enunciação é essencial para a compreensão de sentidos produzidos na língua alvo. Desse modo, o intérprete educacional possui um papel crucial nesse processo de mediação, pois esse profissional precisa ser capaz de compreender o discurso feito pelo professor em língua oral e expressá-lo em Libras para o aluno surdo em busca de sentidos para o que foi enunciado pelo professor.

2. Metodologia

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa é de uma abordagem qualitativa, tratando-se de um estudo pesquisador-investigador, no qual a autora é também participante e pesquisadora. De acordo com Gil (2002), essa investigação caracteriza-se pela interação entre pesquisador e membros das situações investigadas.

Essa abordagem torna possível que a pesquisadora-intérprete construa um conjunto de estratégias e práticas durante a pesquisa, dado que é ela o instrumento *corpus* principal na produção, coleta e análise dos dados. Além disso, o método qualitativo destaca os vários tipos de pesquisa que aparecem associados ao uso de ferramentas etnográficas, tais como investigar práticas, valores, linguagens e significados de um grupo social.

Esta investigação foi realizada em uma faculdade de tecnologia privada da cidade de São Paulo, onde a pesquisadora-intérprete atua junto a um aluno surdo, adulto, matriculado no curso de pós-graduação MBA em Desenvolvimento de Aplicações Java (SOA)¹. Os participantes são: um aluno surdo e demais alunos ouvintes, a pesquisadora-intérprete e os

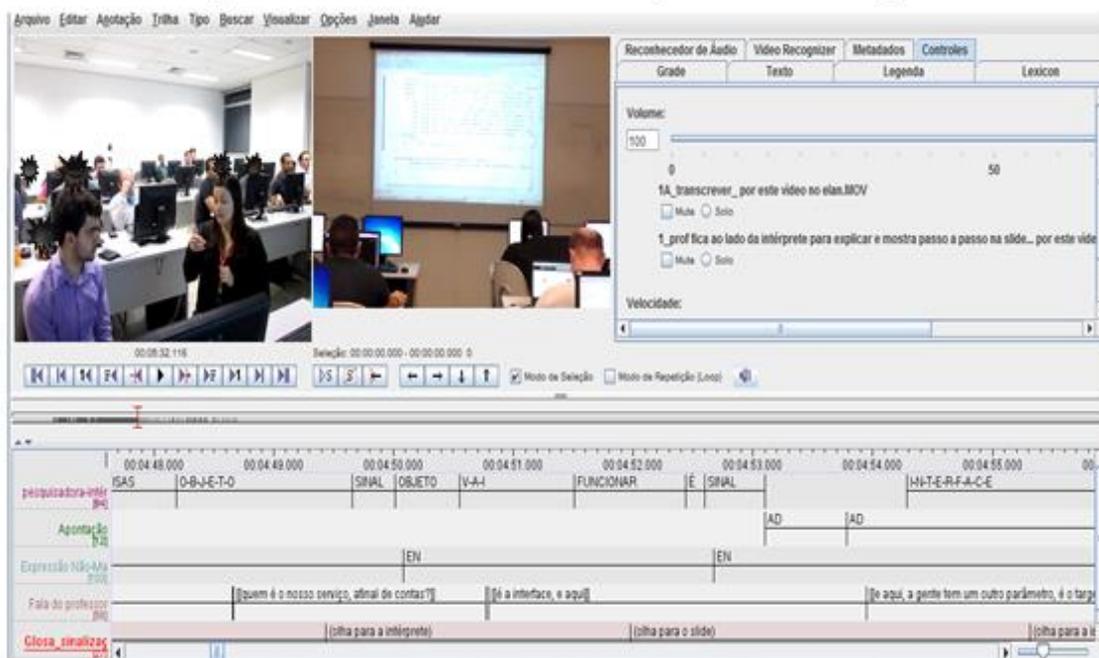
professores, cujos perfis nos revelam executivos da área de tecnologia, que trabalham durante o dia em suas respectivas áreas de tecnologia da informação (TI) e, no período noturno, lecionam na instituição já mencionada neste trabalho. Ressaltamos que para esta pesquisa o nosso foco é a interação entre o aluno surdo, a pesquisadora-intérprete e o professor.

A produção e a coleta de dados foram feitas por meio de filmagens durante um semestre: são cinco aulas gravadas com duração, em média, de três horas cada. Sobre os recursos, utilizamos: duas câmeras de áudio e vídeo em *HD*, cada câmera apoiada por um tripé, uma delas posicionada à frente da PI (pesquisadora-intérprete) e do aluno surdo, a outra no fundo da sala de aula a fim de capturar as imagens por todos os ângulos.

Para transcrever os dados, utilizamos o ELAN, que é um *software* desenvolvido pelo Instituto Max Plank de Psicolinguística. A vantagem deste sistema de transcrição é que ele permite anotar todos os detalhes de sinalização, sinais manuais e não-manuais² da Língua de Sinais. Além disso, seu uso é relacionado às pesquisas de Língua de Sinais, com diversas finalidades, tais como: criação de banco de dados em Libras, edição, visualização e busca de anotações por meio dos dados de áudio e vídeo.

A imagem abaixo nos mostra a tela do *software* ELAN, utilizada nesta pesquisa para transcrever os dados coletados.

Figura 1: Tela do ELAN, com trilhas já criadas e anotações feitas.



Fonte: A autora.

Segundo McCleary, Viotti e Leite (2010), a transcrição possui uma pauta contendo várias trilhas separadas, cada uma delas relacionadas a um aspecto da sinalização. Para tanto, organizamos as sequências das trilhas da seguinte forma: pesquisadora-intérprete; apontação; expressão não manual; fala do professor; glosa³ sinalização do aluno.

Desse modo, esse sistema de transcrição nos permite observar e analisar as estratégias linguístico-discursivas, por meio das categorias, associar a negociação de significados com o aluno surdo e compreender a construção desses elementos durante a interpretação da Libras no contexto acadêmico.

Considerando as estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelo intérprete de Libras em sala de aula bem como a importância do processo de interpretação, nos apoiamos em Santiago (2012) para a análise dos dados coletados. Para a autora os processos de interpretação entre a língua portuguesa e a Libras são definidos como maneiras de agir desse profissional durante o ato interpretativo. Tomamos como exemplo desses processos e interpretação a soletração e pergunta retórica. No que se refere às análises, os dados foram estudados da seguinte forma: num primeiro momento, na intenção de transcrever os trechos principais para análise, todos os vídeos foram observados minuciosamente, de maneira que cada detalhe não passasse despercebido e, numa tela de edição Word, foram feitas as anotações sobre as explicações dos momentos considerados mais relevantes a fim de compreender as estratégias linguístico-discursivas que o intérprete educacional utiliza em sala de aula.

As articulações desse cenário permitiram à pesquisadora-intérprete, ao analisar as gravações, perceber as diferentes modalidades de enunciação, uma vez que, de acordo com Bakhtin (2009), as enunciações não se realizam enquanto resultados de escolhas individuais, mas como respostas às necessidades sociais dos grupos, regularizando-se pelo uso e pelas circunstâncias.

Nessa perspectiva, o intérprete educacional, portanto, não é apenas um observador, mas sim um profissional que interage com o contexto da pesquisa. Dessa forma, a opção por essa metodologia nos permitiu percorrer novos meios para entender as práticas realizadas pelo intérprete de Libras no contexto educacional.

3. Principais resultados das análises dos dados

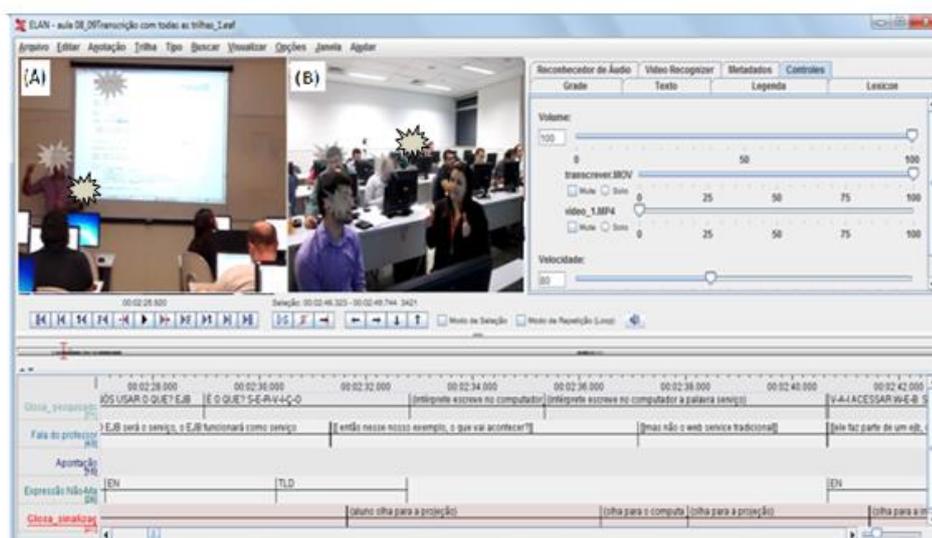
Como discutido acima, esta pesquisa tem como foco compreender as estratégias linguístico-discursivas que o intérprete educacional (IE) do ensino superior utiliza em sala de aula para mediar a aprendizagem do aluno surdo. Os dados coletados nas aulas do curso de pós-graduação em MBA em SOA, com base em Santiago (2012), referem-se a momentos em que a pesquisadora-intérprete fez uso da pergunta retórica e da soletração. Ressaltamos que a pesquisadora-intérprete utilizou outras estratégias linguístico-discursivas, porém, para este artigo nos atentamos em abordar apenas esses dois momentos durante a sua atuação na aula da disciplina EJB 3.0, ministrada pelo professor titular da turma, da qual selecionamos dois excertos para análise. Passemos a eles.

No primeiro excerto, vemos o professor explicando o uso dos comandos necessários para descrever serviços como coleções de *endpoints*⁴ de comunicações capazes de trocar mensagens (parte A da Figura 2). Ele detalha o passo a passo que o recurso “serviço”⁵ requer na atividade de programação e apresenta os exercícios em uma tela de edição de códigos, mostrando os modelos que podem ser utilizados a fim de evitar a geração de erros no momento da execução; enquanto isso, os alunos realizam em seus computadores as instruções dadas pelo professor para a execução dos serviços.

A IE (parte B da Figura 2) simultaneamente interpreta para o aluno a explicação do professor. Edgar, o aluno surdo, visualiza os exercícios apresentados na tela de edição de códigos e executa os comandos no computador.

113

Figura 2: Ações da Intérprete



Fonte: A autora.

Fala do Professor	Intérprete Educacional	Aluno Edgar
[[o ejb será o serviço, o ejb funcionará como serviço]]	MAS NÓS USAR O QUE? EJB É O QUE? S-E-R-V-I-Ç-O (intérprete escreve no computador a palavra serviço) VAI ACESSAR W-E-B S-E-R-V-I-C-E DENTRO E-J-B	(realiza exercício no computador e na sequência: olha para a projeção, computador e para a intérprete. Novamente, olha para a projeção e se volta para a intérprete, balançando a cabeça de maneira positiva)

A IE, no início da interpretação faz a pergunta: “MAS NÓS USAR O QUÊ? S-E-R-V-I-Ç-O”⁶. Essa opção tradutória da intérprete representa uma pergunta retórica, um questionamento que não tem como objetivo uma resposta, mas uma reflexão sobre a pergunta, uma maneira de perguntar muito comum em Libras. A pergunta retórica, conforme explica Santiago (2012), consiste num elemento linguístico utilizado em quase todos os âmbitos de tradução/interpretação para melhor compreensão do indivíduo surdo.

114

Constatamos também que a intérprete utilizou o recurso de soletração manual para enunciar a palavra “**S-E-R-V-I-Ç-O**”, um procedimento de transferência, conforme explicado por Barbosa (2004), empregado neste contexto para manter o termo da tradução na língua fonte, pelo fato de as duas línguas serem de modalidades diferentes. Esse procedimento de transferência é utilizado na tentativa de suprir a falta de um determinado sinal.

Para Vygotsky (2008), o indivíduo, ao receber uma mensagem, responde de diferentes maneiras, constrói significados conforme o seu contexto de vida e as suas experiências. A intérprete, neste momento, possivelmente considerou a linguagem do contexto acadêmico, característica que permeia este trecho, para fazer suas escolhas tradutórias.

Na sequência, temos o momento em que a “intérprete escreve no computador a palavra serviço”. Pode-se dizer que, na situação em que se encontrava, havendo outros recursos disponíveis, como o computador, ela procurou utilizar outras formas para garantir que Edgar realmente se apropriasse do conceito que está sendo objeto de ensino.

Ao escrever no computador a palavra “serviço”, mostrando ao aluno que esse é um termo importante, a intérprete utiliza esse equipamento como ferramenta para mediar a construção de um determinado significado, pois, de acordo com Vygotsky (2007), a mediação

consiste na condição para o desenvolvimento; por seu intermédio, as significações do mundo são apropriadas pelo indivíduo.

Finalizando este excerto, temos o momento em que o professor dá sequência sobre o uso do “serviço” na aula de *endpoint* e a IE interpreta: “VAI ACESSAR W-E-B S-E-R-V-I-C-E DENTRO E-J-B”. No contexto de mediação em análise, a IE, para garantir que Edgar se apropriasse do sentido da palavra, optou por utilizar a soletração e a escrita de palavras importantes no computador. Além disso, percebemos que houve um entendimento por parte do aluno surdo no que tange às expressões não manuais, quando ele “olha para a intérprete – olha para a projeção na lousa – olha para a intérprete e novamente para a projeção”, reforçando sua interação com a IE. A estratégia da pesquisadora-intérprete – a escrita das palavras no computador – é utilizada como empréstimo linguístico. Esse recurso nos estudos da tradução, para Lee-Jahnke, Delisle e Cormier (2013) consiste em conservar – no texto de chegada – uma palavra ou uma expressão pertencente à língua de partida. Nesse sentido, no que tange ao nosso contexto, se optou por essa estratégia porque se trata de um termo específico e de uma especialidade da disciplina de Java.

Durante a soletração, podemos perceber que a intérprete procurou apresentar o termo técnico ao aluno, tendo como base Bakhtin (1929/2009), que explicita que a palavra não está somente no campo da significação: a busca pela compreensão do conceito “serviço” é percebida pelo aluno Edgar quando ele, “balançando a cabeça de maneira positiva”, demonstrou de maneira assertiva a compreensão do tema da aula, visto que ele atua no segmento de programação de dados.

Ainda, podemos discorrer que nos estudos da tradução, essa estratégia estaria atrelada à explicitação, ou seja seria o resultado de uma amplificação, isto é, precisões semânticas não formuladas no “texto de partida”, que são deduzidas a partir do contexto ou da situação descrita. Dessa maneira, compreendemos que a pesquisadora-intérprete utilizou dessa estratégia, pois ponderou a complexidade dos termos apresentados.

Conclusões

A interpretação de Libras para o português e vice-versa, bem como a atuação do intérprete de Libras no ensino superior, não representa uma atividade fácil. Os termos técnicos, a forte influência da língua inglesa (utilizada na disciplina que foi analisada neste trabalho), o fato de os professores desconhecerem a Língua de Sinais e as exigências de conhecimentos

extralinguísticos pelo o contexto acadêmico são fatores que requerem do intérprete estratégias discursivas que vão além dos sistemas gramaticais das línguas envolvidas.

Procuramos apresentar, a partir de nossas reflexões, que as estratégias utilizadas pela pesquisadora-intérprete corroboraram para a compreensão dos sentidos pelo aluno surdo na sala de aula. Ademais, é importante mencionarmos que, apesar dessas estratégias poderem ser replicadas em outras situações, só o intérprete, durante a sua atuação, realmente saberá o momento mais adequado de utilizá-las, na busca do sentido interpretativo.

É importante que o intérprete educacional tenha acesso e conheça os conteúdos que o professor está trabalhando, pois quanto mais o intérprete conhecer e se “familiarizar” com esses conteúdos, melhor será a sua interpretação e poderá fazer escolhas de sentidos auxiliando o aluno em sala de aula.

A Língua de Sinais representa papel importante para o surdo, já que é por meio dela que ocorre a organização do pensamento. A língua está em constante movimento e vai construindo novos sentidos, a partir da interação entre os sujeitos, e possibilitando novas construções e entendimento. Logo, a língua é fundamental para a aprendizagem. Em decorrência das necessidades enunciativas concretas, o locutor, de acordo com Bakhtin (2009), se serve da língua para atendê-las, considerando que o sujeito se constitui pela linguagem e que ela exerce papel de extrema importância para o desenvolvimento dos sujeitos. Por meio dela, o conhecimento é mediado e podemos estabelecer relações e transmitir conceitos.

Nesta pesquisa, compreendemos que, por meio da mediação, ocorre o desenvolvimento. A mediação permite que as significações do mundo sejam apropriadas pelo indivíduo. Percebemos, em nossos estudos, que tanto o desenvolvimento como a aprendizagem devem ocorrer na ZPD. A aprendizagem conduz ao desenvolvimento e o indivíduo torna-se capaz de realizar e desenvolver suas atividades além de seu nível de desenvolvimento, ou seja, é a aprendizagem à frente do desenvolvimento.

A interpretação está relacionada ao fato de que, neste caso, o papel do intérprete de Libras foi tomar decisões para expressar os significados e as intenções ligadas à outra língua. Identificamos que o processo de construção de sentidos é sempre um ato dialógico, um saber que se constrói com o outro ao se enxergar no outro a possibilidade de ir mais além.

Desse modo, a mediação do intérprete foi fundamental para propiciar o acesso à comunicação entre o aluno surdo e os ouvintes na sala de aula, por meio da Libras. Além disso, o intérprete se serve da Língua de Sinais a fim de alcançar estratégias linguístico-discursivas

para a construção de sentidos durante o ato interpretativo, favorecendo a aprendizagem do aluno surdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV) (1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed.; tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos Técnicos da tradução**: uma nova proposta. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso**, v. 8 (2), n. 66, jul./dez., 2013.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 04 fev. 2018.

BRASIL. Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm Acesso em: 04 fev. 2018.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm Acesso em: 04 de fevereiro de 2018.

GIL A. C. Como classificar as pesquisas? In: GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002, p. 41-58.

KOTAKI, S. C.; LACERDA F. B. C. O Intérprete de Libras no Contexto da Escola Inclusiva. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Orgs). **Tenho um aluno surdo, e agora?** São Carlos: EDUFSCar, 2013.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

LEE-JAHNKE H.; DELISLE J.; CORMIER, M. C. **Terminologia e tradução**. (Orgs.). Tradução e adaptação para o português: A. Faleiros; C. Xatara Brasília: UNB, 2013.

McCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas. A questão da transcrição dos dados. **Revista Alfa**. Vol. 54, n 1, p. 265-289, 2010.

RODRIGUES, C. H. ; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015.

SANTIAGO, V. A. A. Português e Libras em diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido. In: ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. A. A. (Orgs). **Libras em estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: FENEIS, 2012.

SANTOS, S. A. dos. **Tradução/Interpretação de língua de sinais no Brasil: Uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SOBRAL, A. **Dizer o ‘mesmo’ a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Books Service Livraria, 2008.

TESSER, C. R. S. **Atuação do intérprete de libras na mediação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior: Reflexões sobre o processo de interpretação educacional**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, SP, 2015.

VYGOTSKY, Lev S. (1934) **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

118 VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹ Carla Regina Sparano TESSER – Doutoranda e mestre (2015) em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em Pedagogia (2004) pela Universidade de Guarulhos. São Paulo, São Paulo, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9852287817286911> E-mail: carla1sparano@gmail.com

“É bolsista CAPES. O Presente Trabalho foi Realizado com Apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

¹ Java é uma tecnologia usada para desenvolver aplicativos, permitindo executar jogos, fazer *upload* de fotos, *tours* virtuais, entre outros.

² Recursos linguísticos característicos das Línguas de Sinais.

³ Para Santiago (2014), o uso da glosa consiste numa estratégia de aproximar visualmente os textos de língua portuguesa e Libras.

⁴ *Endpoint* é o ponto final da conexão onde os arquivos HTML ou *Active Server Pages* estão expostos. *Endpoint* fornece as informações necessárias para tratar de um terminal de serviço da Web. Fornece uma referência ou especificação que é usada para definir um grupo ou família de mensagens propriedades de endereçamento e dar características da mensagem *end-to-end*. Disponível em: <http://www.ehow.com/info_12212371_definition-service-endpoint.html>. Acesso em: 30 mar. 2015.

⁵ Serviço é um programa que interage com o sistema operacional de forma a produzir um resultado de acordo com o seu objetivo.



Imagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xYqKmTH7kNA>>

TESSER. *A interpretação para Libras em contexto educacional: reflexão a partir da experiência na pós-graduação*

Belas Infâncias, v. 8, n. 1, p. 105-118, 2019. DOI: 10.26512/belasinfeis.v8.n1.2019.22630